

JUVENTUDES RURAIS: LIMITES E POSSIBILIDADES TEÓRICAS

Rayane de Moura Santos¹
Lila Cristina Xavier Luz²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – rayanesantos_as@hotmail.com.

² Doutora em Serviço Social e Professorado Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí.

INTRODUÇÃO

A reflexão aqui proposta tem como objetivo, inicialmente, pontuar algumas questões sobre juventude e rural, para entender as juventudes rurais. O conceito de juventude é entendido aqui como *modo de vida e fase da vida*. Porém, uma fase que adquire centralidade na sociedade contemporânea, tendo em vista o importante papel social e político atribuído aos jovens como transformador da sociedade, sobretudo no final da década de 1960. Para entender as juventudes rurais, faz necessário pontuar que estamos entendendo o rural como um território pleno de diversidade e contradições, porém que hoje revela novas funcionalidades e possibilidades de vida, em razão da diversidade que o comporta. Nesse sentido, entender as juventudes rurais exige pensar os sujeitos a partir dos contextos em que vivem: dificuldades, saberes e fazeres atinentes às suas condições de vida.

No intuito de desenvolver uma discussão sobre as juventudes rurais partimos da compreensão da existência de uma relação rural/urbano, com vistas a superar a ideia da polarização entre ambos. Superar esta dicotomia, pois as realidades urbanas e rurais são permeadas por trocas e preservações, numa complementariedade constituída por meio de processos históricos que caracterizam relações totalmente dinâmicas, dialéticas, diversas e complexas. No entanto, há dificuldade analítica na conceituação das juventudes

rurais, decorrente da também dificuldade de conceituar o próprio rural.

Portanto, é imperativo superar a visão essencializada do mundo rural, compreendendo que este não mais existe da mesma forma como no passado, quando o pensávamos como um território marcado apenas pela produção agrícola e pecuária, tradicionalismo, atraso cultural e tecnológico. Vemos um rural que hoje assume outra maneira de existir; falamos de novas ruralidades, de profundas transformações que não significam a morte do rural. Destarte, compreender as juventudes rurais, implica em situá-las nos seus contextos de novas ruralidades. Um rural com múltiplas identidades. Identidades essas que precisam ser compreendidas a partir dos espaços em que os sujeitos as ocupam, de suas realidades cambiantes e diversas.

Ante a tantos debates acerca das juventudes rurais, propomo-nos poucas páginas que nos restam, desenvolver uma breve análise acerca dos limites e possibilidades teóricas desta categoria, recorreremos às perspectivas analíticas sobre as categorias rural e juventude.

REFLEXÕES PARA O DEBATE

É corrente tanto no senso comum quanto entre pesquisadores da área das ciências humanas e sociais, a ideia do "fim ou morte do rural". A justificativa é de que, com o avanço capitalista, o rural perde sua existência por ser tomado pelas características do urbano moderno e

contemporâneo. Porém, é necessário avançar no sentido de problematizar esse pensamento e entender que na verdade pode-se falar em novos conceitos em relação ao rural, tais como novo rural, continuum (r)urbano, pluriatividade e capital social, entre outros (JEOLÁS, PAULILO, CAPELO, 2013).

Deste modo, as novas formas de pensar o rural ultrapassam a concepção da dicotomia, da polarização e da oposição entre rural e urbano. Quando observamos as realidades urbanas e rurais, entendemos essa relação como permeada de trocas e preservações, consensos e contradições, numa verdadeira complementariedade constituída em seus processos históricos. Portanto, em uma relação totalmente dinâmica, dialética, diversa e complexa. Por esta razão, é insuficiente buscar o conceito de rural apenas em comparação e/ou oposição ao urbano. Pelo contrário, deve-se apostar na totalidade das relações. Evidentemente, isso só é possível se rompermos com a visão dicotômica tradicionalista, que impõe ao rural uma condição de inferioridade em relação ao urbano. Uma visão que olha o rural pela lente do urbano.

Diante do exposto, é necessário compreendermos o que é o rural hoje, suas novas configurações e significados. Não é possível mais pensar o rural como no passado, quando o pensávamos como um território marcado apenas pela produção agrícola e pecuária, tradicionalismo, atraso cultural e tecnológico. Mas é necessário avançar no pensamento, tendo em vista que estamos diante de novas ruralidades, de profundas, inegáveis e irreversíveis transformações no mundo rural, pautadas em mudanças nas relações de produção que ocorrem no mundo inteiro e que inevitavelmente atingem o rural. O que chamamos de rural, "[...] distante da imagem de isolamento e tradição, encontra-se atravessado no seu

cotidiano por aspectos de natureza cultural, social, política, econômica, ambiental etc., que, atuando articuladamente, modificam contextos antes nitidamente apartados das cidades" (SILVA, 2016, p. 95). Assim, é necessário romper de vez com a visão essencialista do rural, como apenas um lugar de relações tradicionais, com características "atrasadas", tão-somente na perspectiva do trabalho com a produção agrícola e pecuária, do camponês "matuto".

O rural contemporâneo é um imbricado de relações sociais, econômicas e culturais permeadas de características do rural tradicional, mas também do urbano moderno. Novos e velhos personagens, relações de produção do passado, mas também avançadas, que podem ser classificadas sob a escala do capital. Pensar o rural é considerar suas multifuncionalidades, a heterogeneidade de suas relações e de seus diversos atores.

Ante significativas transformações tanto na realidade material das comunidades rurais, quanto no aspecto conceitual, o modo de pensar o rural e investigá-lo deve também ser transformado. Não é mais possível estudá-lo sob a orientação de metodologias e formas de pensar que não dão mais conta de compreendê-lo, como fazem aqueles que se pautam pela perspectiva da dicotomia rural/urbano, que submete o primeiro ao segundo. Carneiro (2008) afirma que o rural é permeado de heterogeneidade e diversidade social e cultural. Além disso, apresenta o urbano e o rural como realidades intercambiantes, numa relação em que cada um destes territórios ainda guarda muitas de suas características, ou seja, o rural não se torna totalmente urbano e vice-versa.

Ambos territórios devem ser compreendidos a partir de suas realidades simbólicas e também práticas. Um dos fundamentos para esta compreensão é a interpretação dos significados atribuídos

pelos sujeitos que atuam tanto no rural, quanto no urbano, compreendendo todos os aspectos de suas relações sociais, sejam relações de poder, de trocas, entre outras, tendo em vista que estas relações se refletem na vida prática dos sujeitos e que constroem e constituem as identidades individuais e dos grupos sociais. Nesse sentido, afirma Carneiro (2008): "Estamos diante, portanto, do processo de construção das múltiplas identidades que conformam o indivíduo na sociedade contemporânea" (p. 34). É preciso ainda compreender as realidades rurais a partir das condições políticas, históricas, econômicas e de produção que influenciam decisivamente na dinâmica destes territórios, que se materializam perante os sujeitos e os conduzem a ocupar papéis na estrutura social. É nessa compreensão complexa do rural, que devemos pensar a construção de identidades juvenis, o rural compreendido como um território em que se processam relações sociais.

Sob a influência do grande autor da geografia Milton Santos, aqui consideramos a perspectiva de que *território* pode ser concebido como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma infinidade de atores que territorializam suas ações no decorrer do tempo. Entretanto, a delimitação do território certamente não ocorre de maneira estática, mas pode ser irregular e transformar-se historicamente, assim como ocorrer uma diversificação das relações sociais numa trama de poder cada vez mais complexa.

Deste modo consideramos que o território rural é um significativo e rico espaço de construção de identidades juvenis, devido a tamanha diversificação das relações sociais. O território rural como esse lugar de pertencimento territorial, em que vive uma parcela de jovens brasileiros.

Apesar do crescimento no número de estudos, ainda pouco se conhece sobre os jovens rurais. Há, portanto, uma incompreensão sobre a existência de juventudes rurais. Alguns pesquisadores, em especial latino-americanos, apresentam dificuldades em considerar este grupo como realmente pertencente à categoria juventude. Dentre as justificativas, está aquela da ausência de características identitárias marcantes do *ser jovem*. Porém, este tipo de análise é limitada em relação à juventude rural, por a perceber apenas pela ótica do urbano. Ela tenta enquadrar este grupo, tão peculiar e com atributos próprios, exclusivamente nas características mais comuns as juventudes urbanas, como aspectos relacionados à moratória social, às relações familiares, com pares, com a escola, entre outros.

Na última década, foram várias as transformações no espaço rural brasileiro. Transformações decorrentes do processo de modernização da agricultura, do fortalecimento das relações capitalistas no campo e dos novos contornos na relação rural/urbano. Tais transformações impõem-nos a necessidade de pensar de maneira peculiar os sujeitos sociais que vivem e trabalham nesse espaço territorial.

Segundo Pais (2003), a juventude deve ser vista como aparente unidade, quando nos referimos a uma fase de vida, e como diversidade, quando estão em jogo diferentes atributos sociais que distinguem os jovens uns dos outros. A juventude dividida em função de seus interesses, suas aspirações, origens sociais e perspectivas de ver o mundo, pois várias são as formas de ser jovem.

Dessa perspectiva, o jovem rural precisa ser pensado em sua heterogeneidade pois, imergidos em contextos rurais marcados por inúmeras mudanças, têm suas vidas forjadas por novas relações, por outras práticas,

processos e relações. Quando se pensa o jovem rural apenas na perspectiva do agricultor camponês, esquece-se de que a juventude, como um todo social e em suas mais diversas expressões, deve ser analisada a partir da diversidade e da heterogeneidade. Como um construto sócio histórico que perpassam vários modos de ser e viver. Os jovens rurais têm vários modos de viver a juventude, múltiplas identidades, que precisam ser compreendidas a partir dos espaços que estes ocupam, de suas realidades cambiantes e diversas. De suas relações com o mundo e com seu meio social. Dos significados e sentidos que atribuem às relações sociais, de suas possibilidades e potencialidades. Isto os coloca sim dentro da categoria juventude, como uma de suas mais variadas expressões de ser jovem.

Entretanto, importa destacar que os estudos e ações de políticas públicas, em sua maioria, são voltados para atender questões relacionadas ao urbano, tendo em vista que boa parte dos estudos sobre juventude enfocarem apenas esta perspectiva. Nessa via, uma infinidade de outros jovens, que experimentam a juventude de outras formas diferentes daquelas moldadas na cidade globalizada, não tem seus direitos e necessidades sociais contemplados. Impregnados por essas referências, em estudos acerca de outras experiências de juventude, como a dos jovens rurais, o olhar tende a ser "viciado". Em geral, são reflexões que tentam encaixar a teoria de perspectiva urbana, nos estudos rurais, gerando sérios problemas de interpretação teórica do social, como o não reconhecimento da juventude rural com categoria de estudo, por não ter modos de vida iguais aos padrões urbanos de juventude. Além do não reconhecimento das práticas sociais dos jovens rurais como significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das questões acima apontadas, já existem tímidos avanços nas reflexões sobre juventudes rurais, tendo em vista que alguns estudos têm sido desenvolvidos no sentido de descortinar e entender os modos de vida dessas juventudes, trazendo contribuições para ampliar os conhecimentos sobre nossas juventudes.

Porém, ainda verificamos limites nestes estudos, especialmente quanto a problematização teórica acerca da categoria juventude rural. Deste modo, é imperativo que os estudos possam ser orientados pela interpretação das realidades locais a partir dos sujeitos, de seus sentidos e significados, de como se posicionam e se percebem em seus contextos sociais, a partir de suas identidades. Uma interpretação que dê conta da complexidade das relações sociais, políticas, econômicas e históricas de âmbito global e local que tramam e engendram a vida dos jovens.

A principal dificuldade analítica sobre juventude rural, resulta também na dificuldade de conceituar o que é o próprio rural. Deste modo, as análises devem dá conta de chegar mais próximo da compreensão de juventude rural, para tanto, devem superar a visão idealizada e essencializada do mundo rural, compreendendo as mudanças ocorridas, e configurações, para além do que fora no passado; o rural hoje assume outra maneira de existir. Por isso, é preciso considerar a dinâmica histórica que constituiu a categoria rural, mas pautar a compreensão do rural hoje a partir da realidade; romper com a perspectiva limitada que homogeneíza de maneira simplória o rural e seus sujeitos, desconsiderando toda a complexidade, diversidade e heterogeneidade presente no campo. Assumindo tal postura poderemos avançar para a compreensão e

conceituação mais próxima da realidade acerca da juventude rural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro William Barbosa. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. IN: **Revista RURIS**, V. 1. Nº 2. Campinas: Unicamp, setembro/2007, pp. 66-83.

CANGAS, Yanko González. **Juventud Rural: trayectorias teóricas y dilemas identitarios**. 2012
<file:///C:/Users/rajan/Desktop/SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/seminário/texto%20espanhol.pdf> Acesso: 13. Junho. 2018.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. IN: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, pp. 234-261

CARNEIRO, Maria José. "Rural" como categoria de pensamento. IN: **Revista RURIS**, V. 2, Nº 1, 2008, pp. 9-38. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/267243645_9_RURAL_COMO_CATEGORIA_DE_PENSAMENTO> Acesso: 13. Junho. 2018.

CAVALCANTE, Maria Aparecida Milanez. **Identidades juvenis rurais em trânsitos migratórios para o trabalho na construção civil em São Paulo**: um estudo sobre a localidade São Mateus, Castelo do Piauí-PI. Dissertação (Universidade Federal do Piauí). Teresina: UFPI/PPGS, 2014. pp. 113-33; 168-179.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina

Clivati. **Juventudes, desigualdades e diversidades**: estudos e pesquisas. Londrina: Editora EDUEL – Universidade Estadual de Londrina, 2013, pp. 201-252.

MARTINS, Maíra. **Juventude e Reforma Agrária**: o caso do assentamento Paz na Terra. Rio de Janeiro: UFRRJ/PPGCS/CPDA, 2008, pp. 02-30. < Disponível em: <https://tede.ufrj.br/bitstream/tede/653/1/2008%20-%20Maira%20Martins.pdf>> Acesso: 13. Junho. 2018.

SILVA, Valéria. Dialogos juvenis no sudoeste piauiense: as juventudes, o rural e a cidade. IN: LUZ, Lila Cristina Xavier; ADAD, Sara Jane Holanda Costa; SILVA, Valéria. (Orgs.) **Juventudes Rurais e Urbanas**: territórios, culturas, sociabilidades e identidades. Teresina-PI, EDUFPI, 2016, pp. 89 – 125.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003. SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. O conceito de Rural. IN: GIARRACCA, Norma (Compiladora). **¿Una nuevarealidad em América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001, pp. 67-79. Disponível em: <<https://conectarural.org/sitio/sites/default/files/documentos/giarraca.pdf>> Acesso: 13. Junho. 2018.